



O PROCESSO DE RENÚNCIA THE RESIGNATION PROCESS

Gabriel Sausen Feil*

Franz se levanta na certeza de renunciar à lei. Renunciar a todos os seus direitos e, em troca, ganhar a perda de seus deveres. Acordou nem cedo e nem tarde, mas num horário que se acorda leve. "A lei me acolhe quando a quero, mas não me deixa se, ao contrário, não a quero", é o que ele pensa e que o faz sobressaltar nesta manhã de sábado. O lençol já de uma semana e os dois cobertores já de uns cinco invernos foram jogados ao alto. Isso é importante, visto que, comumente, Franz se levanta quase sem desarrumar a cama, a fim de não perder tempo a arrumando à noite.

"A quem devo anunciar minha decisão por primeiro?", pensa Franz em voz baixa. Ele mora com outros três rapazes, dos quais nenhum costuma levantar, sobretudo no sábado, antes do meio-dia. Franz acaba de lembrar disso agora, concluindo que não pode esperar até essa hora para fazer o tal anúncio. Deixa o apartamento, não sem fazer barulho, e passa habitar o obscuro corredor, ao menos pela manhã, de apenas duas portas. O vizinho, dono da outra porta, é autista, e seguidamente bate à porta de Franz para importuná-lo com o mesmo assunto, sempre. "Você compra *Playboy*, *Sexy* ou *Ele & Ela*?". "Qual é o dia do seu aniversário?". Aparentemente idiota, o autista é inteligente ao ponto de poder falar em inglês e ao ponto de decorar o dia do aniversário de quantas pessoas quiser, porém, estúpido ao ponto de fazer perguntas que ele já conhece a resposta, como perguntar a data de nascimento de Franz, mesmo que ele a tenha já decorado. Mas isso parece não se constituir em um empecilho para Franz anunciar a sua decisão a esse peculiar vizinho.

Antes mesmo que batesse à porta alheia, Franz vê a porta se abrir. O autista emerge em sua frente, dizendo:

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Educação pela mesma universidade, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com



– 27 de julho de 1983! – diz o vizinho exibindo a sua única expressão facial. Ao menos a única que Franz conhece.

– É isso mesmo – diz Franz, acabando de perceber que não só o autista sempre repete as mesmas perguntas, como também ele sempre repete as mesmas respostas.

– Você compra *Playboy*, *Sexy* ou *Ele & Ela*?

– Não, não compro mais.

– E por que não?

E é aí que, pela primeira vez, Franz resolve variar a conversa.

– Bem, isso não interessa – Franz interrompe o vizinho. – Pelo menos hoje não. Quero que você seja o primeiro a ter conhecimento sobre o meu anúncio. Quero renunciar à lei. Renunciar a todos os meus direitos e deveres. Não preciso obedecer aos códigos, ciente de que também não posso gozar de meus direitos, ao menos não como sendo direitos. Afinal, posso agir em coincidência com um dever, mas não estarei agindo por ser um dever.

O vizinho mantém aquela sua expressão de sempre. Porém, mostra um silêncio que ainda não havia mostrado a Franz. Os dois ficam em silêncio, um de frente para o outro, por estranhos dois minutos. O vizinho com sua única expressão facial, e Franz balançando os braços, como que estimulando seu intercessor a falar. Quando, enfim, o autista rompe com o silêncio:

– Você compra *Playboy*, *Sexy* ou *Ele & Ela*?

Franz ri e, sem demoras, despede-se de seu vizinho, retornando para o interior do apartamento.

Inquieto, porém, temendo acordar um de seus colegas de apartamento a contragosto, Franz se acomoda com a idéia de fazer um chimarrão. "Por que não acordá-los, visto que acabo de renunciar às leis?".

A água chia quando Franz já tem a cuia preparada. Aprecia a amargura do primeiro chimarrão de pé mesmo, diante do fogão. O chimarrão ronca quando Franz escuta o barulho que anuncia a presença de um de seus colegas à cozinha. Não sem mostrar satisfação em vê-lo, Franz o cumprimenta e oferece uma cuia a ele. É Antonio, certamente, o mais genioso entre os três.



– Olha só, preste bem atenção no que direi – diz Franz como que antecipando a importância da conversa. – Estou renunciando a lei, de modo que de hoje em diante a lei não mais me toca, visto que estou optando por viver fora dela, fora de tudo aquilo que ela me oferece e que ela me implica, para o bem ou para o mal.

– Por que isso? – diz Antonio enquanto bocejando.

– Assim eu quero. E quer saber mais? Não votarei nestas eleições, mesmo sem justificar. É como um Yanomami. A lei não pode exigir que um Yanomami vote, visto que ele não faz parte desse sistema.

– Mas um Yanomami vive no meio da floresta. E tu? Vives aqui, usas as calçadas da lei, as ruas da lei, a água tratada pela lei, a luz da lei.

– Tudo bem, admito isso, mas tu também terás que admitir, que posso dela usufruir somente quando ela me interessar, ou não?



A NOTÍCIA

Gabriel Sausen Feil*

O jornalista chega à edição agoniado com a notícia que irá elaborar.

– Qual será o fato escolhido, chefe? – pergunta o estagiário.

– E qual seria? Há alguma escolha diante de tal obviedade? – responde, categoricamente, o jornalista. O jornalista, aliás, é cada vez mais categórico em tudo que faz.

– Perdoa-me chefe, mas não sei do que tu estás falando! – diz o estagiário receado.

– O que poderia eu fazer frente a esta grande onda, a não ser levá-la até o meu público? – responde o jornalista com um nova pergunta.

– Claro, tu tens toda a razão – diz o estagiário como se somente agora entendesse o jornalista.

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Educação pela mesma universidade, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com



PAUJADISMO E REPARTIÇÃO PÚBLICA

Gabriel Sausen Feil*

Senhor 37.503 se ergueu de sua cadeira de estofado preto e anunciou a sua decisão, não precipitada:

– Irei sair dessa sala e, em seguida, suicidar-me!

Sem surpresas, ele constatou o que já sabia: ninguém, nem mesmo os que repartem as suas mesas nos mesmos metros que o dele, deram a mínima atenção. O funcionamento daquela repartição pública, definitivamente, não foi afetado pelo sofrimento de 37.503.

37.503, em passos lânguidos, arrastou-se até a porta de saída. No caminho deixou cair a sua pasta preta, na esperança de que um estagiário pudesse lhe alcançá-la. Mas nem mesmo os estagiários, os quais atravessavam a repartição como formigas circulam pelo formigueiro, nem mesmo eles que a pouco passaram a fazer parte disso tudo, foram capazes de interromper o fluxo daquela repartição.

Senhor 37.503, não sem olhar para trás, saiu pela porta.

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Educação pela mesma universidade, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com



OS RATOS DO NAVIO

Gabriel Sausen Feil*

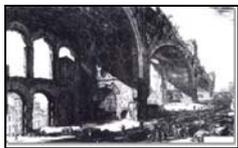
Naquele dia os ratos do navio se mostravam especialmente eufóricos. Jamais houvera ratos tão entusiasmados. A expectativa de uma chegada era maior do que nunca.

Não que o porão não fosse agradável, pelo contrário, a umidade era adequada, alimento jamais faltava e o escuro os conservava em segurança.

Os ratos se perfilavam para esperar. A fila dobrava o porão, quase alcançando as perigosas e temidas escadas.

O navio atracou, porém, em seguida, sem nada acontecer, zarpou. E os ratos não chegaram, aliás, não chegariam nunca.

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Educação pela mesma universidade, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com



A MOSCA EM ALTA VELOCIDADE

Gabriel Sausen Feil*

Um navio racha, e por isso naufraga, por se colidir com uma mosca. É que a mosca estava em alta velocidade, zigzagueando imprudentemente. O navio, inocente navio, levou a pior e jaz no fundo do mar.

E a burguesia que bebe vinho e trepa às escondidas está inconformada. Havia pertences no navio. E quem vai ressarcir? "Querida, desculpe-me pelo mau desempenho de hoje à noite, é que o processo não sai da minha cabeça". Burocracia nunca combinou com sexo...

A mosca, a irresponsável mosca, não pode sair ilesa dessa assim. Sair ilesa da colisão já foi um grande afronte aos que querem navegar pelo mar sem sentir que estão sobre ele.

– É essa criatura que ficará impune? Logo ela, voadora e asquerosa, que vive no lixo e nos restos, que carrega germes grudados em suas patas, que despeja saliva e vomita para dissolver o que come, que defeca em cima do próprio alimento. É essa criatura que ficará impune? Logo ela... – diziam os burgueses.

Sempre quando parece que a mosca será capturada ela não é.

Mas a burguesia que usa pantufas de tirar o tesão continua mobilizada. O processo já se juntou com o diagnóstico que se juntou com a tese.

– Pobre mosca! – diziam.

Pobre burguesia.

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Educação pela mesma universidade, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com